

Fortes apostava no Brasil

JORNAL DO BRASIL

Desde que não
repita erros
do passado

O Brasil só vai retomar o caminho do crescimento econômico quando forem eliminados os dilemas que impedem o desenvolvimento e colaboraram para agravar o processo de estagnação da sua economia nos anos 80. O fim das discussões em torno de modelos de crescimento caracterizaria, ao mesmo tempo, o encerramento da chamada transição econômica, possibilitando ao país a recuperação de taxas de expansão da economia e de investimentos semelhantes às verificadas nos anos 70, mas sem a repetição dos erros do passado.

A opinião é do presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Márcio Fortes, empresário e secretário-geral do Ministério da Fazenda no início do governo Figueiredo — época que, segundo ele, marcou, pelo menos na teoria, o início dessa transição econômica, com os primeiros passos para a diminuição da intervenção estatal na economia e a busca de definição da verdadeira função do Estado.

Privatização — “A disputa entre o setor público e o setor privado é um dos dilemas que precisa ser definitivamente superado”, diz Márcio Fortes, observando que, teoricamente, já existe um consenso em torno das obrigações sociais do Estado e dos setores produtivos em que sua atuação é necessária, como no caso da exploração de petróleo. “Mas também todo mundo já sabe que o setor público não precisa fabricar material ferroviário para vender para o próprio Estado. Isso pode ser feito pelo setor privado. Então, se já existe esse consenso na teoria, é só colocá-lo na prática.”

Ao reduzir a ação estatal em segmentos onde a iniciativa privada pode exercer um papel até mais eficiente — como nos setores elétrico e siderúrgico —, cria-se a possibilidade para que o Estado exerça com mais vigor sua atividade social. “A disputa entre priorizar os investimentos produtivos e os investimentos sociais da parte do Estado é outro dilema que tem que ser vencido. Naturalmente, não se pode abrir mão da ação estatal nos investimentos em infra-estrutura econômica, que foi a opção de muitos países, mas também não se pode insistir na tese de que primeiro é preciso aumentar o bolo para depois distribuir. Essa é uma falácia das mais covardes. É preciso tratar simultaneamente das duas questões: priorizar investimentos em setores que gerem empregos e crescimento econômico e também dando comida e saúde para quem não

* 7 AGO 1989



Márcio Fortes: país deve eliminar velhos dilemas

tem”, observa o presidente do BNDES.

Paralelamente, Márcio Fortes vê como fundamental o amadurecimento da sociedade em relação à realidade das finanças públicas. “Há um conceito, muito forte, que já encontra um consenso nas elites mas ainda precisa ser estendido a toda a sociedade, de que o governo não faz dinheiro. As finanças do setor público são finanças do país como um todo e não apenas do setor público. Ninguém faz milagres com o dinheiro dos outros. Este é em grandes linhas o fato condicionante dessa transição.”

Complexo — Fortes, que na presidência do maior banco de fomento da América Latina tem sido um árduo defensor da integração do Brasil no mercado internacional, acredita no fim do terceiro-mundismo brasileiro.

“Esse complexo terceiro-mundista do Brasil, de adotar uma postura ora de confronto ora de solicitação reivindicatória de uma comiseração dos países desenvolvidos, vai acabar”, preconiza, argumentando que a postura do BNDES, nos últimos anos, tem sido de pleno convencimento de que a retomada do crescimento depende do fim das discussões em torno de como deve se direcionar a economia brasileira: se voltada para fora ou para dentro. “Nosso mercado interno é excepcional, de boa qualidade. Ao mesmo tempo, temos condições administrativas e técnicas de conquistar fatias do mercado externo. Então, vamos nos integrar, trocar mercado, fazer joint-ventures com os estrangeiros. Só assim nós vamos nos integrar ao resto do mundo. É assim que nós vamos enfrentar o GATT, a competitividade japonesa, os tigres asiáticos.”

No âmbito interno, o presidente do

BNDES prega a eliminação das disputas entre pequena e média empresa e as grandes organizações que, segundo ele, é outra discussão inútil que apenas prejudica o desenvolvimento nacional. Grandes e pequenas se complementam, acredita, e têm que conviver juntas: as primeiras concentrando capitais e gerando recursos que possibilitem inclusive a pesquisa tecnológica independente do Estado, enquanto as pequenas devem ocupar seus próprios espaços dentro das leis que regem a livre iniciativa.

Otimismo — “A eliminação desses dilemas, que são velhos e não têm mais sentido nenhum, é que vai abrir o espaço necessário para voltarmos a crescer e, aí sim, cuidarmos das nossas grandes causas e formular uma política macroeconômica consistente”, reforça Márcio Fortes.

Não seria uma tarefa imediatista. Ao contrário, é um processo que, aos poucos, será materializado e que depende do grau de maturidade da sociedade brasileira. “Nós no BNDES estamos batendo nessa tecla há algum tempo, e já não somos uma voz isolada. Aos pouquinhos, as pessoas vão ter essa consciência”, acredita Márcio Fortes, prevendo uma década de 90 muito mais favorável para o país.

Otimista, ele preconiza: “Podemos fechar o século em melhores condições do que sempre estivemos, e não apenas em relação aos indicadores econômicos, mas também por que estarão eliminados os dilemas que persistem. Assim, o país voltará a crescer e, ao mesmo tempo, teremos um desenvolvimento muito mais sólido do que o verificado nos anos 70, porque será baseado num engajamento da sociedade muito mais tranquilo e adulto do que a gente teve.” (Kido Guerra)